RBGDR

ANÁLISES DO MEIO URBANO SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO: UMA QUESTÃO DE TEMPO

URBAN ENVIRONMENT ANALYSIS FROM A GENDER PERSPECTIVE: A MATTER OF TIME

RBGDR

REVISTA BRASILEIRA DE GESTÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
V.22, N°4, Edição Especial 2026 | Taubaté/SP - Brasil | ISSN 1809-239x

ANÁLISES DO MEIO URBANO SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO: UMA QUESTÃO DE TEMPO

URBAN ENVIRONMENT ANALYSIS FROM A GENDER PERSPECTIVE: A MATTER OF TIME

Aline Ramos Esperidião[1] | Beatrice Lorenz Fontolan[2] | Iolanda Geronimo Del Roio[3] Fernanda Botter[4] | Alfredo Iarozinski Neto[5]

Recebimento: 10/03/2026
Aceite: 11/07/2026

[1] Doutora em Engenharia Civil (UFTPR).
Pesquisadora na La Salle Barcelona - Universitat Ramon Llull. Barcelona, Espanha.
E-mail: aresperidiao@gmail.com

[2] Doutoranda em Engenharia Civil (UFTPPR).
Curitiba - PR, Brasil.
E-mail: fontolanbeatrice@gmail.com

[3] Doutoranda em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR).
Curitiba - PR, Brasil.
E-mail: iolandagdr@hotmail.com

[4] Doutora em Composizione Architettonica (POLIMI).
Professora na Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
Curitiba - PR, Brasil.
E-mail: fernandabotter@professores.utfpr.edu.br

[5] Doutor em Ciências pela (AMU III).
Professor na Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
Curitiba - PR, Brasil.
E-mail: alfredo.iarozinski@gmail.com

RESUMO

Este artigo investiga as diferenças entre homens e mulheres em relação a fatores que influenciam na satisfação com o meio urbano. Fundamenta-se em uma pesquisa de abordagem quantitativa, com a aplicação de um questionário online. Foram coletados dados de 426 respondentes, das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil, analisados por meio de estatísticas descritivas, correlações e análise discriminante. Os resultados indicaram que, embora existam semelhanças, há variáveis discriminatórias evidentes que revelam que as mulheres estão mais atentas aos aspectos subjetivos do bairro, enquanto os homens têm a satisfação mais influenciada por características objetivas. A existência de boas escolas e bairro habitável estão mais relacionadas ao grupo feminino, enquanto que para os homens, atividades culturais e edificações volumosas relacionam-se à localização e recomendação do bairro. A pesquisa valida a necessidade de discutir-se a segregação urbana à partir da perspectiva de gênero, para que se possa repensar as cidades considerando o cotidiano complexo das mulheres, de modo a dignificar o trabalho reprodutivo não remunerado, e, quem sabe, democratizá-lo.

Palavras-chave: Meio urbano. Satisfação com o bairro. Gênero. Segregação urbana.

ABSTRACT

This article investigates the differences between men and women concerning factors that influence satisfaction with the urban environment. It is based on a research with a quantitative approach, with the application of an online questionnaire. Data were collected from 426 respondents from the South, Southeast and Midwest regions of Brazil, analyzed using descriptive statistics, correlations and discriminant analysis. The results indicated that, although there are similarities, there are clear discriminatory variables that reveal that women are more attentive to subjective aspects of the neighborhood, while men's satisfaction is more influenced by objective characteristics. The existence of good schools and a habitable neighborhood are more related to the female group while, for men, cultural activities and bulky buildings are related to the location and recommendation of the neighborhood. The research validates the need to discuss urban segregation from a gender perspective, so that cities can be rethought considering the complex daily life of women, to dignify unpaid reproductive work, and, maybe, democratize it.

Keywords: Urban environment. Neighborhood satisfaction. Gender. Urban Segregation.

INTRODUÇÃO

Segundo o educador e filósofo brasileiro Paulo Freire, a configuração de qualquer artefato influencia profundamente os seres humanos, enquanto mediação das relações (Freire, 1974). O existir humano se apoia em objetos físicos e seus significados simbólicos, que se entrelaçam às suas configurações físicas, enquanto que a vida se faz na dialética entre objetividade e subjetividade. Ainda segundo o geógrafo, orientalista e filósofo francês Augustin Berque, a conformação de quem se é acontece pela interação entre o mundo subjetivo (humano, tecnológico, cultural, social) e objetivo (objetos naturais e físicos). Para ele, *existir,* da palavra latina que pode ser desmembrada em *ex-sistere*, significa estar (*sistere*) fora de si (*ex*). Assim, se é quem se é porque em diálogo com o mundo (Berque, 2005, 2019). Para os dois pensadores, o espaço urbano poderia ser descrito como condicionante das relações sociais de seus habitantes, ao mesmo tempo em que é condicionado por elas. Por isso, a leitura do espaço urbano enquanto artefato humano permite entender quem o habita, mas também condiciona seus habitantes.

Diversos estudos têm explorado de que forma o meio urbano influencia a qualidade de vida humana. Observa-se um rápido crescimento das populações nas cidades ao redor do mundo (Mouratidis, 2021), aumentando a complexidade dos sistemas urbanos. Tais questões devem ser exploradas pelo urbanismo, colocando as pessoas e os direitos humanos em primeiro lugar (UN-Habitat, 2015). Diferentes grupos sociais desempenham dinâmicas próprias e acessam a cidade de

acordo com suas possibilidades (Rovere; Tirelli, 2021). Kern (2021), destaca que as cidades foram pensadas a partir da perspectiva masculina, e isso traz diversas barreiras para o cotidiano das mulheres. Historicamente, eram ligadas ao espaço doméstico, enquanto apenas os homens se deslocavam ao local de trabalho. Para Rovere e Tirelli (2021), esse modelo de urbanismo se repete ao redor do mundo e deixa de lado os enfrentamentos necessários da desigualdade social e segregação urbana relacionada ao gênero.

Nesse contexto, a segregação urbana pode ser considerada como um fenômeno multifatorial, envolvendo questões como moradia, condições de mobilidade, fatores sociais, relações na vizinhança, o bairro e a cidade como um todo (Rovere; Tirelli, 2021). Para Rovere e Tirelli (2021), a segregação urbana vem sendo discutida há décadas no Brasil, no entanto, a abordagem segue à prática adotada no planejamento urbano, que corresponde a um sujeito neutro e mantém o foco principalmente na dinâmica das grandes cidades. Conforme demonstram Feitosa *et al*. (2021), a segregação urbana no Brasil mostrou-se estável nos últimos anos, mesmo com a diminuição das desigualdades sociais. Estudos sobre segregação urbana e gênero no contexto brasileiro, como o de Trindade e Pavan (2022), começam a movimentar as reflexões acerca do tema.

Atualmente, a maioria das mulheres possui dupla jornada de trabalho (doméstico e remunerado), utilizando o espaço urbano de maneira complexa, envolvendo deslocamentos ao local de estudo dos filhos, equipamentos de saúde, ambientes de lazer, além do seu trabalho remunerado. Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua Anual do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019) identificaram que mulheres gastavam quase duas vezes mais horas que homens nas atividades domésticas, sendo essa diferença ainda maior quando têm filhos pequenos.

A pesquisa também apresentou que mulheres com crianças até três anos, na faixa entre 25 e 49 anos, possuem nível de ocupação em trabalho remunerado de 54,6% - contra 89,2% entre os homens. Em habitações sem crianças, o nível de ocupação aumentou para 67,2% (IBGE, 2019). Em escala global, o *World Economic Forum* (WEF, 2022) indicou que o tempo gasto em atividades não remuneradas foi 19% do trabalho total de homens em idade ativa, enquanto ocupa 55% do tempo das mulheres. Isso demonstra a realidade de muitas mães, que precisam deixar o trabalho remunerado para dedicar-se exclusivamente à criação dos filhos ou cuidar de dependentes. Para WEF (2022), existe um alto risco de que a demanda para fornecer trabalho de cuidado não remunerado continuará a ser imposta às mulheres de forma assimétrica.

Uma vez que, historicamente, as mulheres estão mais vinculadas a tarefas não remuneradas prestadas à família, a oferta de serviços, infraestrutura e equipamentos públicos vizinhos à habitação são fatores fundamentais (Araújo *et al*., 2021). Portanto, a proximidade de casa é um fator fundamental para acomodar as múltiplas tarefas femininas na cidade· Nessa perspectiva, entre os problemas enfrentados no Brasil, Albuquerque e Günther (2019), observaram que alguns meios urbanos surgiram de forma desordenada, com pouca infraestrutura ou sem o planejamento necessário, e isso se reflete na necessidade de que arquitetos e urbanistas se apropriem de uma visão sistêmica para promover o ordenamento das cidades.

Para entender como aspectos do meio urbano são avaliados pelos moradores, estudos recentes têm demonstrado de que forma eles influenciam na satisfação do indivíduo com o bairro (Hadavi; Kaplan, 2016; Lee *et al*., 2017; Biswas *et al*., 2021). As pesquisas têm indicado que a satisfação não é a mesma para todos: varia de acordo com o ciclo de vida (Boschman, 2018; Milić; Zhou, 2018), gênero (Lu, 1999; Esperidião *et al*., 2021) e características sócio-demográficas (Aigbavboa; Thwala, 2018).

É preciso que conceitos como gênero sejam trazidos à tona nas pesquisas sobre o meio urbano, para que possa este ser melhor compreendido (Rovere; Tirelli, 2021). Ao buscar explorar essas lacunas, tem-se como pergunta de pesquisa: quais as diferentes percepções de homens e mulheres considerando fatores que influenciam a satisfação com o meio urbano?

MEIO URBANO SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO

Segundo Ornat e Silva (2007), o processo de apropriação e produção do meio urbano se dá pela interação dos grupos sociais e indivíduos entre os diversos locais que compreendem o meio e seus deslocamentos. É o planejamento urbano que determina a configuração dos espaços que constituem o suporte físico aos usos sociais, e é neles que a vida cotidiana ocorre, portanto torna-se necessário analisar as tarefas realizadas no meio (Ciocoletto, 2014).

O meio urbano é um produto histórico, moldado por intervenções de capital, trabalho e usos do solo (Deák, 2001), que se referem a todas as atividades humanas: moradia, comércio, serviços, finanças, indústria, lazer e natureza. Entre as transformações mais profundas do século XX estão as relacionadas ao gênero, com a emancipação feminina que rompe com a divisão tradicional de

trabalho: homens com trabalho remunerado e mulheres responsáveis pelo trabalho não remunerado doméstico (Madariaga, 2004). Contudo, a incorporação das mulheres ao mercado de trabalho, um processo irreversível que fomenta a igualdade, não foi acompanhado proporcionalmente com homens assumindo responsabilidades até então exclusivas das mulheres.

O conceito de infraestrutura para a vida cotidiana, deriva da interseção entre estudos de gênero e planejamento urbano (Madariaga, 2004). Para Ciocoletto (2014), é definido como o conjunto de atividades que os indivíduos desempenham para satisfazer suas necessidades, em um tempo determinado num lugar físico (bairro, cidade), em quatro esferas: produtiva (remuneradas), reprodutiva (não remuneradas, relacionadas ao lar), própria (pessoal, intelectual e lazer) e política (participação social). As esferas se mesclam entre si, e tarefas reprodutivas têm maior relevância, pois são necessárias para a vida humana, sem as quais as demais não existiriam.

Madariaga (2004) afirmou que os homens e mulheres usam e percebem o meio urbano de formas diferentes em todas as escalas (regional, de bairro, dentro e no entorno da habitação) e em todos os aspectos da vida urbana (transporte, habitação, economia, equipamentos públicos). Para Ornat e Silva (2007), a diferenciação das espacialidades urbanas entre homens e mulheres é uma construção cultural, fomentada pela instituição diferencial dos papeis de gênero.

A divisão convencional do meio urbano entre ambientes de trabalho, moradia e lazer pode ser percebida de outra maneira quando observada sob a perspectiva de gênero, pois, para indivíduos com responsabilidades domésticas, a habitação também é local de trabalho, não sendo apenas um refúgio para descanso (Madariaga, 2004). Observa-se que a divisão entre trabalho produtivo (remunerado) e reprodutivo (não remunerado) influencia as decisões sobre as cidades, a distribuição dos espaços e os investimentos em infraestrutura, sendo priorizadas as medidas que facilitam o trabalho produtivo.

Apesar das mudanças nas relações familiares, o planejamento das cidades herda a divisão do trabalho em que as mulheres ficavam em casa e os homens iam ao trabalho, e tais atividades, independentes, situavam-se em locais distintos (Grau; Martínez, 2014). Assim, morar e trabalhar em locais diferentes das cidades significa, ao menos, tempo de deslocamento para conciliar as atividades. O planejamento urbano, ao separar os usos do meio urbano e priorizar o transporte privado, contribui para dificultar a compatibilização da vida laboral e atividades domésticas (Madariaga, 2004), e a perspectiva de gênero redefine o urbanismo desenvolvido na sociedade (Ciocoletto, 2014).

Ciocoletto (2014), identificou três escalas, segundo a distribuição das tarefas cotidianas: de vizinhança (imediatamente no entorno da habitação), de bairro (onde se realizam a maioria das atividades) e fora do bairro, onde ocorrem os deslocamentos para as outras atividades. Logo, o bairro torna-se fundamental quando a maioria das atividades ocorre nele, principalmente para pessoas com vida cotidiana complexa, com oferta de serviços, transporte adequado e facilidade em circular a pé, por exemplo.

Além da vizinhança e do bairro, Ciocoletto (2014), afirmou que há outras duas tipologias no meio urbano: espaço de relação e equipamento cotidiano. Espaços de relação são aqueles em que as pessoas podem fortalecer as relações sociais e de ajuda, e apoiam cuidados do lar e de outras pessoas, como praças, ruas, esquinas e espaços abertos na escala do bairro. Equipamento cotidiano refere-se aos que são utilizados diariamente como suporte para o desenvolvimento da vida cotidiana, além de também gerar convivência, socialização e ajuda, como equipamentos de saúde, educação e para atividades físicas.

Para Kern (2021), as barreiras que se impõem a mulheres brancas de classe média são ampliadas e multiplicadas para todas as populações, se revelando no transporte público e na segurança pública, por exemplo. Estas dificuldades são expressas por rotas que não contemplam certos bairros, calçadas sem acessibilidade e espaços públicos sem manutenção, que não são preparados para mães com bebês de colo, idosos, pessoas com obesidade ou com deficiência. Portanto, um bairro sem infraestrutura e de difícil acesso representa maior custo de tempo e de transporte, especialmente nas faixas de menor renda (Araújo *et al*., 2021).

Ornat e Silva (2007), observaram, em dois conjuntos habitacionais de interesse social no Brasil, que os deslocamentos das mulheres eram motivados por atividades ligadas ao ambiente familiar, como fazer compras, pagar contas, levar filhos à escola e ao médico. Entre os homens, os deslocamentos se referiram a atividades econômicas do lar, ou seja, ao trabalho remunerado. Neste sentido, a vida cotidiana pode ser mais ou menos complexa, e uma pessoa que possui dependentes tem mais atividades a serem desenvolvidas, refletindo diretamente nos usos do meio urbano (Ciocoletto, 2014).

Ciocoletto (2014), analisou seis casos em diferentes contextos urbanos sob a perspectiva de gênero, propondo uma auditoria a partir de aspectos dos bairros. Os resultados demonstraram que, apesar de algumas características urbanas favorecerem a vida cotidiana, falta uma leitura integral (à partir do gênero) para compreender o impacto na vida das pessoas. Observou-se uma tendência de

que as necessidades não estão sendo atendidas pelo planejamento urbano. As características não foram absolutas, ou seja, os bairros podem apresentar fatores que favorecem ou que dificultam a vida cotidiana, no entanto a proximidade é um fator em destaque, pois reflete em menor tempo e salienta a sobrecarga em conciliar várias atividades.

Grau e Martínez (2014), analisaram áreas metropolitanas na Espanha, utilizando indicadores relacionados à perspectiva de gênero, como participação das mulheres no projeto urbano, igualdade ao acesso à moradia, segurança de espaços públicos e transporte público. Embora haja a inclusão em diversos planos urbanos sobre fomentar a igualdade e participação das mulheres, o estudo destacou a necessidade de compreender as expectativas e experiências delas, e observar a cidade a partir da perspectiva feminina.

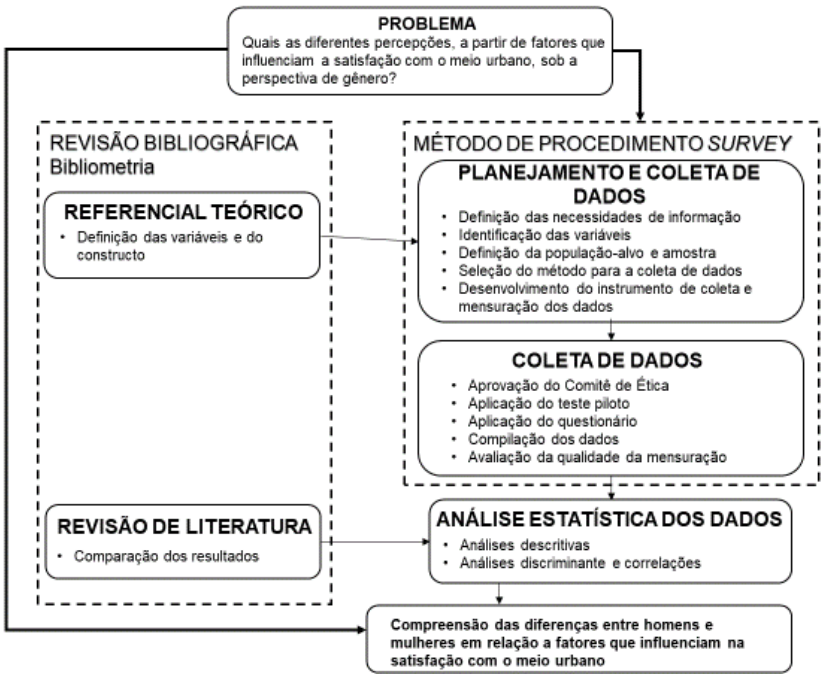
Um dos problemas identificados por Rovere e Tirelli (2021), entre mulheres de baixa renda em uma cidade do Sul brasileiro, foi a falta de boas escolas próximas à habitação, e, prezando pela educação dos filhos, elas buscam escolas mais distantes, tornando o tempo de deslocamento maior. Isso dificulta o acesso delas ao mercado de trabalho formal. Observou-se que elas não têm percepção sobre sua própria problemática, pois sempre viveram em ambientes periféricos. Desta forma, o planejamento urbano não pode ser neutro a partir de uma classe, nível de renda, ou gênero, e os efeitos negativos se multiplicam quando se fala em mulheres de menor renda (Madariaga, 2004).

Assim, é na vizinhança e no bairro que ocorrem a maioria das atividades cotidianas, então pressupõe-se que a definição de bairro não se refere à área geográfica que o limita, mas à percepção do indivíduo (Aigbavboa; Thwala, 2018), e podendo variar em função do status social e cultural. As características do bairro são apontadas como fatores importantes da satisfação, e contribuem para a qualidade de vida dos indivíduos, que deve ser a finalidade do planejamento das cidades (McCrea *et al*., 2014). A seguir descreve-se a estratégia de pesquisa.

ESTRATÉGIA DA PESQUISA

O objetivo da pesquisa foi identificar diferenças entre homens e mulheres considerando fatores que influenciam na satisfação com o meio urbano, adotando o método de procedimento Survey, conforme Figura 1.

Figura 1 | Estratégia da pesquisa.



Fonte: Autores (2026).

PLANEJAMENTO E COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi dividida em aplicação do teste piloto e do questionário final, entre maio e setembro de 2020. O instrumento de pesquisa adotado foi elaborado com base em estudos sobre satisfação residencial e meio urbano (Amérigo; Aragonés, 1990; Adriaanse, 2007; Fornara *et al*., 2010; Ibem; Aduwo, 2013; Hadavi; Kaplan, 2016; Lee *et al*., 2017; Faganello, 2019). Pelo fato de tais estudos terem sido realizados em outros países, as questões foram adaptadas ao contexto brasileiro, devido às especificidades abordadas em cada contexto geográfico de referência. Foram incluídas variáveis quantitativas e qualitativas, sendo que estas últimas foram medidas pela escala *Likert* de 5 pontos, sendo o valor 1 igual a "discordo totalmente" ou "ruim", e o 5 correspondendo a "concordo totalmente" ou "ótimo".

Foram analisadas 35 variáveis relacionadas ao meio urbano, conforme Tabela 1, divididas em: características e recursos do meio urbano (CRMU) e desempenho do entorno (DE), além de oito variáveis relacionadas à satisfação com a vizinhança e o bairro (SH). Foram levantadas também as características sócio-demográficas, incluindo gênero, nível de escolaridade e estado civil.

Tabela 1 | Variáveis empregadas na pesquisa.

Grupo	Código	Variáveis
Satisfação com a vizinhança e o bairro (SH)	SH1	Satisfação em morar na vizinhança
	SH2	Satisfação com a aparência da vizinhança
	SH3	Satisfação com a manutenção da vizinhança
	SH4	Satisfação com a segurança na vizinhança
	SH5	Satisfação em morar no bairro
	SH6	Satisfação com a aparência do bairro
	SH7	Satisfação com a localização do bairro
	SH8	Recomendaria o bairro
Características e recursos do meio urbano (CRMU)	CRMU1	Escolas boas no bairro
	CRMU2	Posto de saúde adequado no bairro
	CRMU3	Bairro equipado com quadras esportivas
	CRMU4	Bom comércio no bairro
	CRMU5	Existência de atividades culturais no bairro
	CRMU6	Proximidade das habitações no bairro
	CRMU7	Volume das habitações no bairro
	CRMU8	Variedade das habitações no bairro (estilos, idade, tamanhos etc.)
	CRMU9	Utilização das edificações (residencial, comercial, industrial)
	CRMU10	Existência de áreas verdes para relaxar no bairro
	CRMU11	Existência de parques apenas em outras partes da cidade
	CRMU12	Existência de árvores no bairro
	CRMU13	Poluição do ar no bairro
	CRMU14	Risco de desastres naturais no bairro
Desempenho do entorno (DE)	DE1	Esse bairro é muito silencioso
	DE2	Esse bairro ainda é habitável
	DE3	Esse bairro é adequado para pessoas com deficiência (PCD)
	DE4	Esse bairro é seguro
	DE5	Existe uma grande preocupação com sustentabilidade neste bairro
	DE6	Esse bairro é muito isolado do centro da cidade
	DE7	É fácil chegar a outros locais da cidade a partir deste bairro
	DE8	É fácil circular por esse bairro
	DE9	Existem vagas de estacionamento nas ruas do entorno da habitação
	DE10	O tráfego geralmente é calmo nesse bairro
	DE11	Me localizar no bairro é fácil, pois há uma boa sinalização
	DE12	A privacidade no entorno da habitação
	DE13	A aparência do entorno da habitação
	DE14	Coleta de resíduos sólidos e reciclável
	DE15	Transporte coletivo (horários suficientes e pontos próximos)
	DE16	A distância entre minha habitação e o trabalho
	DE17	A distância entre minha habitação e a escola/faculdade
	DE18	A distância entre minha habitação e os serviços de saúde
	DE19	A distância entre minha habitação e o comércio
	DE20	A distância entre minha habitação e locais para lazer
	DE21	A distância entre minha habitação e transporte público

Fonte: Autores (2026).

O grupo CRMU foi formado por aspectos que podem ser observados e avaliados de maneira objetiva, conforme Fornara *et al*. (2010). O grupo DE relacionou variáveis que formam a percepção cognitiva em relação às características do bairro, a partir do ponto de vista do indivíduo (Faganello, 2019), portanto avaliadas de maneira subjetiva. Em relação à satisfação com a vizinhança e com o bairro, adotou-se a definição de Aigbavboa e Thwala (2018), pressupondo que o bairro não se refere à área geográfica que o limita, mas à percepção de entorno do indivíduo. Utilizaram-se, ainda, as escalas de vizinhança e bairro definidas por Ciocoletto (2014) para as atividades cotidianas.

A coleta de dados foi realizada por meio de uma ferramenta *online* (*Google Forms*), para atingir um público amplo, mas limitando-se à população brasileira com idade acima de 18 anos, residentes no País e há mais de um ano na atual residência. Foi adotado um protocolo de aplicação, com apresentação da pesquisa ao participante e preenchimento do questionário. O primeiro passo foi a aceitação (ou não) do indivíduo em participar da pesquisa, e o segundo consistiu no preenchimento do próprio questionário, conforme orientações do Comitê de Ética. Qualquer pessoa com o *link* de acesso poderia responder à pesquisa, desde que se encaixasse nos critérios e tivesse acesso à Internet, de forma livre e voluntária. Os participantes foram recrutados por meio da divulgação do questionário entre redes sociais dos pesquisadores (*WhatsApp, LinkedIn* e *Facebook*), e-mails e entre os contatos no programa de Pós-Graduação da Universidade.

Com relação ao tamanho da amostra, não há uniformidade na literatura que recomende um tamanho ideal (entre 100 e 300 casos), mas pequenas amostras geralmente não apresentam resultados significativos em análises multivariadas. Adotou-se então a amostragem não probabilística por conveniência, pelo desconhecimento da quantidade de indivíduos que formariam a população amostral, empregando indivíduos que estavam disponíveis para a pesquisa e não selecionados por meio de um critério estatístico. Foram adotados como critérios de exclusão formulários com mais respostas em branco, moradores de outras regiões do Brasil, há menos de um ano na residência e menores de 18 anos.

A amostra foi composta por 426 indivíduos das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil. Embora a ferramenta *online* fosse de fácil interação e gratuita, a coleta de dados não atingiu um público amplo, como era esperado. Observou-se que uma maior faixa de renda foi atingida, pois o acesso ao questionário foi restringido a pessoas com acesso à Internet. A forma de aplicação presencial foi prejudicada pela pandemia de COVID-19, o que poderia ter sido fundamental para atingir uma menor faixa de renda de forma representativa.

MÉTODO DE PROCEDIMENTO DAS ANÁLISES

Os dados foram tabulados no programa Microsoft Excel, sendo atribuído um número sequencial a cada indivíduo, de forma a preservar o anonimato. Para as análises, utilizou-se o *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 24. Foram desenvolvidas análises descritivas e multivariadas (discriminantes e correlações), conforme Tabela 2.

Tabela 2 | Resumo das análises utilizadas.

Tipo de análise	Propósito
Descritiva	Resumir e descrever as características dos dados em estudo, envolvendo a apresentação e interpretação dos dados por estatísticas básicas. Permite a compreensão inicial dos dados
Correlação	Examinar como duas variáveis se relacionam entre si, variando de -1 até +1
Discriminante	Classificar objetos ou indivíduos em grupos pré-definidos com base em variáveis independentes, sendo útil quando se deseja determinar quais variáveis são mais relevantes para a separação dos grupos

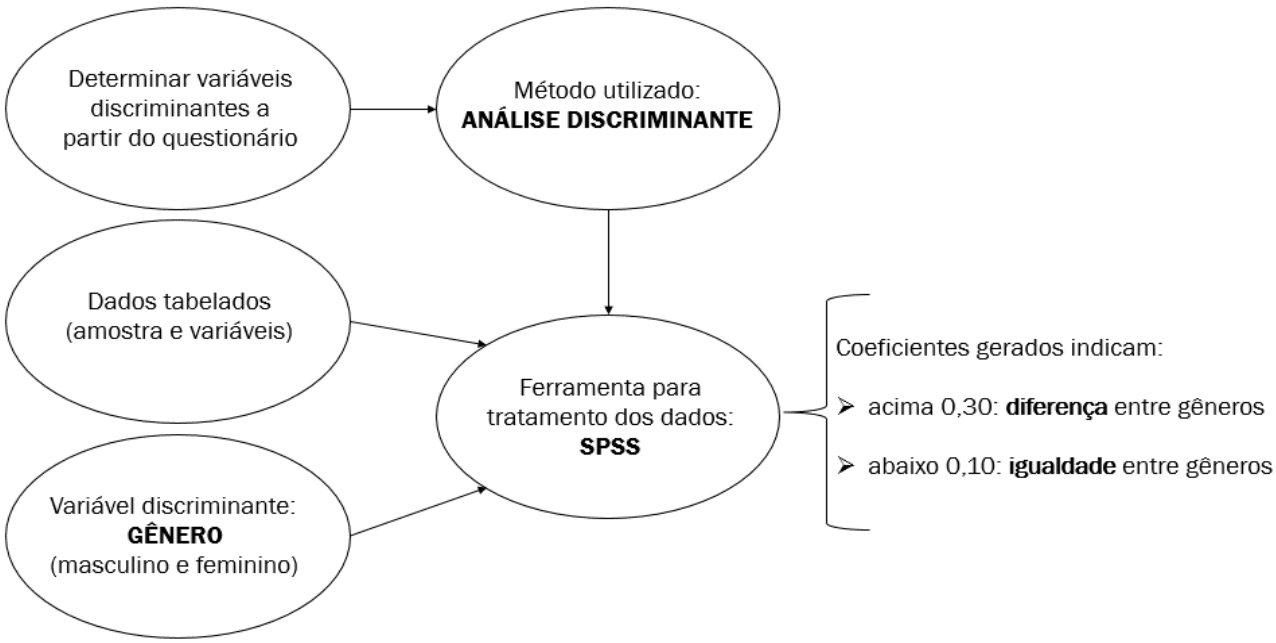
Fonte: Autores (2026).

A análise discriminante possibilitou verificar a existência ou não de características iguais para ambos os grupos, dividindo a amostra em dois grupos, a partir do gênero (Figura 2). A discriminação é obtida por meio do cálculo dos pesos de cada variável, verificando a máxima variância entre dois ou mais grupos com relação à variância dentro dos constructos através da matriz de estruturas, que indica a ordem de grandeza da correlação entre a função e as variáveis discriminantes. Quanto maior o coeficiente da função, maior o poder de discriminação da variável entre os grupos analisados (Hair *et al*., 2005). Como parâmetros, adotou-se que valores absolutos acima de 0,30 apresentam maior distinção entre os grupos, e abaixo de 0,10 não discriminam os grupos.

Para obter um melhor entendimento dos resultados, foram aplicadas análises de correlações, por gênero, entre as variáveis discriminantes e as relacionadas à satisfação. Isso permite analisar com qual aspecto da satisfação as variáveis estão mais relacionadas, para homens e mulheres. Conforme Pontes (2010), a correlação verifica o inter-relacionamento entre duas variáveis, sendo o intervalo de variação de 1 (perfeita correlação positiva ou direta) a –1 (perfeita correlação negativa ou inversa), e 0 indicando a inexistência de relação entre as variáveis.

Deste modo, quanto mais próxima de 1 ou -1 estiverem os coeficientes, maior será a correlação entre as variáveis. Foi adotado o coeficiente de correlação de *Spearman*, e valores absolutos acima de 0,30 foram considerados significativos para o estudo (Field, 2009; Cohen, 2013). Foi também utilizado um intervalo de cores para as análises: cores quentes indicaram as correlações diretas (positivas), e as cores frias indicaram as correlações inversas. A confiabilidade dos resultados é indicada pela significância de 5% e 1%, representadas por um ou dois asteriscos, respectivamente.

Figura 2 | Desenvolvimento da análise discriminante.



Fonte: Autores (2026).

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Inicialmente, buscou-se entender o comportamento médio da amostra, por meio de análises descritivas. Foram coletadas 486 respostas, e os dados foram estratificados de maneira aleatória, tendo como critério inicial eliminar resultados com mais respostas em branco, visto que não havia obrigatoriedade de nenhuma resposta. Foram considerados válidos os questionários com 95% das respostas preenchidas. Na sequência, foram eliminadas respostas fora das regiões de estudo, uma vez que o questionário *online* foi difundido por todo o País.

Em seguida, o critério foi de gênero, de modo a obter uma amostra que correspondesse a população brasileira segundo o gênero (IBGE, 2022), pois houve uma predominância de respostas femininas, o que poderia causar um enviesamento da amostra. Assim, com a eliminação de algumas respostas aleatoriamente, tendo como critério eliminar resultados com mais respostas em branco, as análises não se tornaram tendenciosas por representarem apenas um grupo.

A estratificação resultou em uma amostra não probabilística com 426 respondentes das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil. O perfil dominante é de indivíduos com idade entre 20 e 29 anos, solteiros e sem filhos, com nível de escolaridade especialização/mestrado e renda familiar média entre R$4.180,00 e R$10.450,00 (Tabela 3). Em relação ao gênero, embora o questionário apresentasse a opção “Outro”, as respostas dividiram-se entre feminino (51,9%) e masculino (48,1%).

Tabela 3 | Caracterização da amostra.

Gênero	Feminino - 51,9% Masculino - 48,1%	**Filhos**	Sem filhos - 66,9% 1 ou mais filhos - 33,1%
Nível de escolaridade	Especialização / Mestrado - 45,3% Superior - 39,2% Médio - 10,6%	**Renda familiar média**	De R$ 4.180 a R$ 10.450 - 35,4% De R$ 2.090 a R$ 4.180 - 24,6% De R$ 10.450 a R$ 20.900 - 19,9%
Idade	20 a 29 anos - 46% Acima de 40 anos - 27% 30 a 39 anos - 26,3%	**Estado civil**	Solteiro - 52,8% Casado ou união estável - 41,3% Outros - 5,9%

Fonte: Autores (2026).

ANÁLISE DISCRIMINANTE

A amostra foi dividida em dois grupos: 221 respondentes do gênero feminino e 205 do gênero masculino, para as análises multivariadas. Foi aplicada a análise discriminante, e os coeficientes da função maiores que 0,30 - em valores absolutos - indicam as variáveis com poder discriminatório entre ambos os grupos; coeficientes menores que 0,10 indicam variáveis que não foram capazes de discriminar os dois grupos. Coeficientes entre esses valores - 0,10 e 0,30 - não permitem afirmar se as variáveis são iguais ou diferem entre os grupos, para a amostra selecionada. Ainda, valores positivos indicam relação com o gênero feminino, enquanto o sinal negativo demonstra maior relação com o grupo masculino. A Tabela 4 apresenta os resultados para as variáveis do grupo CRMU.

Tabela 4 | Resultados da análise discriminante do grupo CRMU.

Variáveis	Coeficientes da função discriminante
CRMU10- Áreas verdes	**0,423**
CRMU7- Edificações volumosas	**-0,349**
CRMU5- Atividades culturais	**-0,331**
CRMU13- Ar muito poluído	**-0,317**
CRMU2- Posto de saúde adequado	-0,253
CRMU8- Edificações variadas	0,229
CRMU6- Habitações próximas	-0,207
CRMU4- Bom comércio	-0,200
CRMU1- Escolas boas	-0,154
CRMU11- Parques em outras partes da cidade	0,133
CRMU3- Quadras esportivas	-0,078
CRMU9- Edificações de diversos usos	0,075
CRMU12- Poucas árvores	0,068
CRMU14- Riscos de desastres naturais	-0,053

Feminino
Masculino

Fonte: Autores (2026).

Neste grupo, foi possível identificar quatro variáveis discriminatórias - com coeficientes acima de 0,30 em valores absolutos: áreas verdes, relacionada com o gênero feminino, edificações volumosas, atividades culturais e ar muito poluído, estas relacionadas com o gênero masculino. A existência de quadras esportivas, edificações de diversos usos, poucas árvores e riscos de desastres naturais, podem ser consideradas semelhantes para ambos, apresentando os menores coeficientes da função discriminante. Na sequência, a Tabela 5 apresenta os resultados das variáveis do grupo DE.

Tabela 5 | Resultados da análise discriminante do grupo DE.

Variáveis	Coeficientes da função discriminante
DE14- Coleta de resíduos sólidos e reciclável	**0,469**
DE17- Distância escola	**0,358**
DE2- Bairro habitável	**0,351**
DE13- Aparência	0,252
DE18- Distância serviços de saúde	0,252
DE16- Distância local de trabalho	0,235
DE3- Bairro adequado PCD	-0,226
DE9 - Vagas estacionamento	-0,214
DE5- Preocupação com sustentabilidade	-0,203
DE12- Privacidade	0,193
DE4- Bairro seguro	-0,191
DE8- Fácil circular	0,173
DE1- Bairro silencioso	0,140
DE6- Bairro isolado	0,114
DE20- Distância locais de lazer	0,090
DE15- Transporte público	-0,086
DE7- Fácil chegar a outros pontos	-0,073
DE21- Distância transporte público	-0,047
DE19- Distância comércio	-0,032
DE10- Tráfego calmo	-0,027
DE11- Boa sinalização	-0,002

Feminino
Masculino

Fonte: Autores (2026).

Neste grupo foram identificadas três variáveis discriminatórias: coleta de resíduos sólidos e recicláveis, distância da escola e bairro habitável, todas relacionadas ao gênero feminino. Entre as variáveis consideradas semelhantes para homens e mulheres, foram encontradas: distância a locais de lazer, ao transporte público e ao comércio, transporte público, facilidade para chegar a outros pontos, tráfego calmo e boa sinalização.

ANÁLISE DE CORRELAÇÕES

De forma a entender com qual aspecto da satisfação as variáveis discriminantes estão mais relacionadas, foram desenvolvidas as correlações para os dois grupos. Utilizou-se o coeficiente de *Spearman* para identificar o grau de relação existente entre duas variáveis. Coeficientes acima de 0,30 são considerados significativos, sendo que valores positivos indicam uma relação direta, enquanto valores negativos indicam relações inversas.

A Tabela 6 apresenta as correlações, para o grupo feminino, entre as variáveis discriminatórias e as variáveis relacionadas à satisfação. Pode-se observar que áreas verdes estão mais relacionadas com a aparência do bairro, enquanto a coleta de resíduos sólidos e reciclável relaciona-se mais significativamente com a satisfação em morar no bairro. A recomendação em morar no bairro apresenta forte relação com o bairro ser habitável, e a distância à escola apresentou uma correlação negativa, indicando que maiores distâncias percorridas influenciam negativamente na satisfação com o bairro.

Tabela 6 | Correlações entre variáveis e satisfação para o grupo feminino.

	CRMU5- Atividades culturais	CRMU7-	CRMU10- Áreas verdes	CRMU13- Ar muito poluído	DE2- Bairro habitável	DE14- Coleta de resíduos sólidos e reciclável	DE17- Distância escola
SH1- Satisfação morar vizinhança	0,217**	0,049	0,265**	-0,177**	0,265**	0,130	-0,021
SH2- Satisfação aparência vizinhança	0,291**	0,086	0,318**	-0,177**	0,165*	0,167*	-0,084
SH3- Satisfação manutenção vizinhança	0,223**	0,290**	0,235**	-0,066	0,075	0,258**	-0,184**
SH4- Satisfação segurança vizinhança	0,217**	0,125	0,297**	-0,164*	0,115	0,137*	-0,165*
SH5- Satisfação morar bairro	0,310**	0,178**	0,258**	-0,168*	0,305**	0,300**	-0,132
SH6- Satisfação aparência bairro	0,311**	0,270**	0,318**	-0,267**	0,267**	0,286**	-0,195**
SH7- Satisfação localização bairro	0,300**	0,194**	0,201**	-0,094	0,296**	0,279**	-0,242**
SH8- Recomendação bairro	0,328**	0,211**	0,254**	-0,176**	0,330**	0,290**	-0,188**

Fonte: Autores (2026).

As correlações para o grupo masculino (Tabela 7) identificaram que a existência de atividades culturais está mais relacionada com a satisfação com o bairro, enquanto a existência de edificações volumosas está relacionada com a recomendação do bairro. Como variável inversamente relacionada à satisfação com a aparência do bairro, observou-se o ar ser muito poluído.

Tabela 7 | Correlações entre variáveis e satisfação para o grupo masculino.

	CRMU5- Atividades culturais	CRMU7- Edificações volumosas	CRMU10- Áreas verdes	CRMU13- Ar muito poluído	DE2- Bairro habitável	DE14- Coleta de resíduos sólidos e reciclável	DE17- Distância escola
SH1- Satisfação morar vizinhança	0,188**	0,247**	0,224**	-0,113	0,349**	0,215**	-0,188**
SH2- Satisfação aparência vizinhança	0,274**	0,233**	0,310**	-0,060	0,289**	0,316**	-0,162*
SH3- Satisfação manutenção vizinhança	0,323**	0,154*	0,211**	-0,058	0,227**	0,317**	-0,148*
SH4- Satisfação segurança vizinhança	0,076	0,113	0,163*	-0,013	0,294**	0,116	-0,171*
SH5- Satisfação morar bairro	0,273**	0,202**	0,270**	-0,051	0,290**	0,251**	-0,135
SH6- Satisfação aparência bairro	0,385**	0,281**	0,315**	-0,152*	0,290**	0,318**	-0,058
SH7- Satisfação localização bairro	0,388**	0,285**	0,228**	0,007	0,261**	0,305**	-0,210**
SH8- Recomendação bairro	0,299**	0,308**	0,259**	-0,076	0,271**	0,268**	-0,141*

Fonte: Autores (2026).

Tanto para o grupo feminino quanto para o grupo masculino foram identificados coeficientes com significância de 5% ou 1%, indicando que os resultados são provavelmente verdadeiros para a amostra caracterizada, e não resultantes de uma situação aleatória. Isso garante um maior grau de relevância aos achados, pois há uma probabilidade de apenas 5% ou 1% que eles não refletem toda a população.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As análises discriminantes identificaram diferentes aspectos que influenciam na satisfação de homens e mulheres em relação ao meio urbano em que vivem. Por um lado, o gênero feminino apresentou mais variáveis discriminatórias do grupo desempenho do entorno, ou seja, aspectos perceptivos subjetivos. Kern (2021), afirmou que grupos de mulheres criam ambientes seguros para explorar as cidades, assim, a atenção a tais aspectos influi na potencialidade e modalidade de utilização do meio urbano por elas. Isso destaca também a vulnerabilidade à violência e a insegurança para frequentar certos locais, ou restringir a circulação a certos horários. A melhor percepção de aspectos subjetivos do bairro - como segurança, aparência e relações sociais - é indicada pela maior satisfação feminina relacionada à estes aspectos.

Por outro lado, o gênero masculino aparece mais atento às variáveis objetivas, agrupadas em características físicas e recursos do meio urbano. O fato de a satisfação masculina com o bairro estar atrelada a aspectos objetivos - como manutenção, limpeza, e existência de serviços, como comércio e atividades culturais - revela que suas preocupações são menos ligadas ao planejamento e à operacionalização da vida doméstica.

Embora o estudo tenha contemplado 35 variáveis, observou-se que apenas sete foram consideradas discriminatórias entre os grupos, conforme a Tabela 8. Então, apesar de existir diferenças, também foram identificadas semelhanças.

Tabela 8 | Resumo das variáveis discriminantes entre gênero.

Variáveis
CRMU10- Áreas verdes
CRMU7- Edificações volumosas
CRMU5- Atividades culturais
CRMU13- Ar muito poluído
DE14- Coleta de resíduos sólidos e reciclável
DE17- Distância escola
DE2- Bairro habitável

Feminino
Masculino

Fonte: Autores (2026).

Entre as diferenças encontradas, a distância a locais de estudo está mais relacionada ao grupo feminino, conforme já demonstrado por Sarmento (2018) e Esperidião *et al*. (2021). Isso reflete uma sociedade em que as mulheres, considerando o perfil da amostra, geralmente estão preocupadas com a formação acadêmica, e ingressar no mercado de trabalho. Apesar disso, elas são responsáveis por atividades não remuneradas como levar os filhos à escola desde pequenos. É comum que tais responsabilidades sejam a prioridade em detrimento de outras atividades, como trabalho remunerado e lazer (Madariaga, 2004). Assim, a existência de equipamentos de educação próximo à habitação pode ser fundamental para conciliar o trabalho remunerado e tais deslocamentos. A proximidade tem ainda mais relevância às mulheres de menor renda, uma vez que o deslocamento representa maior custo de tempo e transporte.

As mulheres estão mais satisfeitas com a aparência do bairro quando existem áreas verdes. Para Gehl e Svarre (2013), a predominância de mulheres em um parque é um indicativo de espaço público saudável, pois elas possuem mais cautela ao escolher os locais que frequentam e permanecem. Whyte (2004) também observou que as mulheres são mais exigentes e passam mais tempo analisando suas possibilidades, portanto espaços públicos mais frequentados têm mais mulheres que homens. Os resultados apontaram que as áreas verdes têm potencial de serem frequentadas por mulheres desde que tenham uma boa aparência, e isso está relacionado também com a manutenção de tais espaços.

Considerar o bairro habitável influencia mulheres a recomendá-lo. No início do século XX, a concepção de cidade habitável, para as mulheres, era um "lar" socialmente justo para todos, promovendo bem-estar comum com políticas públicas sociais, boas moradias, ruas limpas, ar não poluído e espaços públicos acessíveis, enquanto os homens almejam uma cidade lucrativa (Flanagan, 2002; Baldwin, 2003). Os resultados podem indicar que tal pensamento ainda está enraizado na sociedade, representado nas cidades projetadas para atender os deslocamentos a trabalho. Cidades setorizadas em grande escala, que priorizam o transporte rápido de longas distâncias e a alta densificação em áreas centrais prejudicam a socialização, a convivência ao ar livre, as relações vicinais que fazem a "cola social", historicamente prezada pelas mulheres.

Em relação aos homens, as atividades culturais estão mais relacionadas com a aparência e a localização do bairro, evidenciando o não protagonismo masculino em atividades domésticas

(Esperidião *et al.*, 2021). Edificações volumosas estão mais relacionadas com a recomendação do bairro para os homens. Nesses locais geralmente concentram-se os serviços, tais como comércio, portanto o grupo masculino está mais satisfeito quando há essa oferta nos bairros. Os resultados reforçam os achados de Madariaga (2004), que constatou que as mulheres não dispõem do mesmo tempo que os homens para atividades culturais, de lazer e esportivas. Mais uma vez, os resultados evidenciam o perfil feminino na sociedade, responsável por conciliar diversas atividades cotidianas, sem priorizar atividades pessoais, como o lazer.

Embora os resultados sejam válidos para uma amostra com as características apresentadas, ressalta-se que os achados podem ser replicados para outras populações, conforme observado por Kern (2021), no sentido que as barreiras e dificuldades são ainda maiores para as populações mais vulneráveis. As necessidades de mães solteiras e de menor renda, ou responsáveis por idosos, são diferentes das necessidades de mulheres sem filhos e de uma faixa de maior renda. Entende-se que se a amostra tivesse uma melhor distribuição do perfil dos respondentes, poderiam haver outras distinções entre homens e mulheres, e outros aspectos poderiam surgir como relevantes. É importante salientar que as mulheres de menor renda são as mais prejudicadas no meio urbano, pois dependem de transporte e serviços muitas vezes indisponíveis no seu bairro.

Ainda, é importante discutir os possíveis vieses da amostra. A utilização exclusiva de coleta *on-line*, necessária em função das restrições impostas pela pandemia de COVID-19, pode ter gerado viés de cobertura, restringindo a participação a indivíduos com acesso à Internet e maior familiaridade com tecnologias digitais. Como consequência, a amostra pode apresentar sobrerrepresentação de participantes com maior nível de escolaridade e renda, aspecto que deve ser considerado como limitação do estudo e na interpretação dos resultados aqui apresentados.

Apesar da representatividade da amostra, os resultados foram significativos para a amostra coletada, expressados pela significância nas análises de correlações. Tal fato explica a relevância dos dados. Os resultados demonstraram que a satisfação feminina é impactada de forma diferente dos homens. Eles revelam que a complexidade relacional da administração de afazeres cotidianos, formação, atividades extracurriculares, cuidado e atenção às crianças pequenas, planejamento e deslocamentos ocupam grande parte do cotidiano feminino.

CONCLUSÕES

Os resultados aqui encontrados evidenciaram que as mulheres utilizam o meio urbano de forma diferente dos homens. Esta diferença revela uma rotina mais atribulada para elas, com mais deslocamentos de naturezas diversas, pela dedicação feminina aos trabalhos não remunerados ligados ao cuidado. O meio urbano é historicamente formado, no Brasil, colônia do Ocidente, a partir de uma perspectiva masculina. Não são priorizadas as atividades ligadas à esfera doméstica, que não é lucrativa, e, portanto, são invisíveis. Este padrão organizacional cria diversas barreiras para as mulheres, que o utilizam de forma complexa para conciliar todas as atividades da dupla jornada de trabalho (Trindade e Pavan, 2022).

Mas pensar a respeito da distribuição de escolas, equipamentos públicos, áreas verdes, da presença de fachadas ativas que trazem segurança por conferirem olhos às ruas (Gehl, 2013), revela uma categoria invisível importante, por ser subjetiva: a sensibilidade feminina às questões humanas é o ponto de sobrecarga do seu tempo. Por trás do trabalho doméstico e reprodutivo, está o chamado trabalho afetivo (Federici, 2019). Isto é, planejar, antecipar, preocupar-se de como a realidade objetiva em diálogo com a subjetiva afeta os membros da família.

Os instrumentos estatísticos utilizados nesta pesquisa são muito válidos para se argumentar contra as forças estruturantes do espaço urbano tidas legítimas na contemporaneidade. Identificar estatisticamente os aspectos que formam a satisfação dos homens e mulheres com o bairro traz dados que fomentam o debate sobre a desigualdade de gênero, e validam achados da área da sociologia por meio de ferramentas legítimas no paradigma mecanicista (Cross, 2006). Combinadas às ferramentas projetuais da arquitetura e desenho urbano, e às análises das ciências humanas, podem contribuir para o mapeamento de padrões em termos de distância, densificação, distribuição de serviços e equipamentos urbanos. Tais ferramentas poderão fornecer argumentos para a tomada de decisão no âmbito do planejamento urbano, visando contribuir para a construção de um espaço urbano mais democrático, a partir da mudança de paradigma que o diálogo interdisciplinar pode promover. Podem orientar os poderes públicos para a elaboração de políticas de uso e ocupação do solo, zoneamento, densificação, distribuição de serviços de maneira equilibrada, ao estabelecer parâmetros que geram soluções projetuais adequadas à escala humana.

Ainda, este tipo de pesquisa pode, por si, suscitar nas pessoas que responderam ao questionário uma auto conscientização acerca do seu direito à cidade, observando a dinâmica do seu cotidiano, sua relação com o território e as sociabilidades que a configuração do espaço urbano propicia ou inibe.

Certamente, as diferenças aqui levantadas poderiam ser salientadas caso fossem exploradas diferentes faixas de idade e de renda, mas também e principalmente de raça, como demonstram Trindade e Pavan (2022), provavelmente sendo mais perceptíveis em outros ciclos de vida e em menores faixas de renda. Caso a amostra fosse predominantemente formada por indivíduos que possuem dependentes, sejam filhos ou idosos, os resultados seriam outros, pois são atividades que ficam principalmente a cargo das mulheres. Desta forma, entre as limitações da pesquisa está a representatividade da amostra, e apenas de três regiões do País. Isso evidencia a necessidade de mais estudos em variados contextos geográficos, culturais e demográficos, pois o meio urbano afeta a satisfação do indivíduo de diversas formas ao longo da vida.

Buscando a interação entre instrumentos da engenharia (dados estatísticos) e da arquitetura (linguagem gráfica), entre os pontos cegos observados após a coleta de dados, notou-se a necessidade de dados referentes à localização da habitação. Portanto, sugere-se que os futuros questionários coletem o código postal, por exemplo, preservando o anonimato e obtendo uma melhor especificação do local. Ainda, em estudos futuros, recomenda-se ampliar as estratégias de recrutamento e considerar uma abordagem mais inclusiva para favorecer a participação de indivíduos com diferentes identidades de gênero.

Desta forma, a análise gráfica das tipologias e padrões de desenho urbano, levantamento de serviços e infraestrutura poderá fornecer uma visão mais clara, como no estudo de Borba (2015), não só útil à melhoria das condições urbanas, mas à construção de uma ideia do urbano inclusiva e compensadora, permitindo que as pessoas, em sua complexidade, possam ter pleno acesso à cidade, é à cidadania.

REFERÊNCIAS

ADRIAANSE, C. C. M. Measuring residential satisfaction: a residential environmental satisfaction scale (RESS). *Journal of Housing and the Built Environment*, v. 22, n. 3, p. 287–304, 2007. DOI: https://doi.org/10.1007/s10901-007-9082-9.

AIGBAVBOA, C.; THWALA, W. *Residential satisfaction and housing policy evolution*. Boca Raton: CRC Press, 2018. DOI: https://doi.org/10.1201/9781351012676.

AMÉRIGO, M.; ARAGONÉS, J. I. Residential satisfaction in council housing. *Journal of Environmental Psychology*, v. 10, n. 4, p. 313–325, 1990. DOI: https://doi.org/10.1016/S0272-4944(05)80031-3.

ARAÚJO, M. B.; SILVA, J. A. A.; TRAVERSI, M. M. Sistema urbano e segregação da mulher periférica. *Revista Gestão & Políticas Públicas*, v. 11, n. 1, 2021.

BALDWIN, P. C. Women and the urban landscape. *Journal of Planning History*, v. 2, n. 3, p. 263–272, 2003. DOI: https://doi.org/10.1177/1538513203253653.

BERQUE, A. *Poetics of the Earth: natural history and human history*. London: Routledge, 2019.

BERQUE, A. The ontological structure of mediance as a ground of meaning in architecture. In: ATKIN, T.; RYKWERT, J. (ed.). *Structure and meaning in human settlements*. Philadelphia: University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology, 2005. p. 97–106.

BISWAS, B. et al. The emergence of residential satisfaction studies in social research: a bibliometric analysis. *Habitat International*, v. 109, 2021. DOI: https://doi.org/10.1016/j.habitatint.2021.102336.

BOSCHMAN, S. Individual differences in the neighbourhood level determinants of residential satisfaction. *Housing Studies*, v. 33, p. 1127–1143, 2018. DOI: https://doi.org/10.1080/02673037.2018.1424804.

BORBA, V. S. *A influência de características morfológicas no desempenho e apropriação de espaços urbanos: estudo de caso de Charqueadas – RS*. 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: http://hdl.handle.net/10183/140015.

CIOCOLETTO, A. *Espacios para la vida cotidiana: auditoría de calidad urbana con perspectiva de género*. Barcelona: Comanegra, 2014.

COHEN, J. *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. New York: Academic Press, 2013.

CROSS, N. *Designerly ways of knowing*. London: Springer, 2006.

DEÁK, C. *À busca das categorias da produção do espaço*. São Paulo: FAUUSP, 2001.

ESPERIDIÃO, A. R. et al. Estudo de diferenças na satisfação com o bairro em relação ao gênero. *Revista de Morfologia Urbana*, v. 9, n. 2, 2021.

FAGANELLO, A. M. P. *Estudo sistêmico das inter-relações dos construtos que influenciam a satisfação residencial visando à elaboração de um modelo a partir da percepção cognitiva do indivíduo*. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

FEDERICI, S. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante, 2019.

FEITOSA, F. et al. Measuring changes in residential segregation in São Paulo in the 2000s. In: *Urban socio-economic segregation and income inequality*. Cham: Springer, 2021. p. 507–523.

FIELD, A. *Descobrindo a estatística usando o SPSS*. Porto Alegre: Penso, 2009.

FLANAGAN, M. A. *Seeing with their hearts: Chicago women and the vision of the good city, 1871–1933*. Princeton:

Princeton University Press, 2002.

FORNARA, F.; BONAIUTO, M.; BONNES, M. Cross-validation of abbreviated perceived residential environment quality (PREQ) and neighborhood attachment indicators. *Environment and Behavior*, v. 42, n. 2, p. 171–196, 2010. DOI: https://doi.org/10.1177/0013916508330998.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GRAU, C. I.; MARTÍNEZ, A. S. Ciudad y ciudadanía: un análisis de los planes estratégicos de desarrollo urbano desde la perspectiva de género. *Investigaciones Feministas*, v. 5, p. 342–371, 2014. DOI: http://dx.doi.org/10.5209/rev_INFE.2014.v5.48139.

GEHL, J. *Cidades para pessoas*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GEHL, J.; SVARRE, B. *How to study public life*. Washington: Island Press, 2013.

HADAVI, S.; KAPLAN, R. Neighborhood satisfaction and use patterns in urban public outdoor spaces. *Urban Forestry & Urban Greening*, v. 19, p. 110–122, 2016.

HAIR, J. F. et al. *Análise multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman, 2005.

IBEM, E. O.; ADUWO, E. B. Assessment of residential satisfaction in public housing in Ogun State, Nigeria. *Habitat International*, v. 40, p. 163–175, 2013. DOI: https://doi.org/10.1016/j.habitatint.2013.04.001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Panorama do Censo Demográfico de 2022.* [*S. l.*], 2022. Disponível em: https://censo2022.ibge.gov.br/panorama.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Em média, mulheres dedicam 10,4 horas por semana a mais que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas. 2019. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/.

KERN, L. *Cidade feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

LEE, S. M. et al. The relation of perceived and objective environment attributes to neighborhood satisfaction. *Environment and Behavior*, v. 49, n. 2, p. 136–160, 2017.

LU, M. Determinants of residential satisfaction: ordered logit vs. regression models. *Growth and Change*, v. 30, n. 2, p. 264–287, 1999.

MADARIAGA, I. S. Infraestructuras para la vida cotidiana y calidad de vida. *Ciudades*, n. 8, p. 101–133, 2004.

McCREA, R.; SHYY, T. K.; STIMSON, R. J. Satisfied residents in different types of local areas. *Social Indicators Research*, v. 118, n. 1, p. 87–101, 2014.

MILIĆ, J.; ZHOU, J. Residential satisfaction among young people in post-socialist countries: the case of Serbia. *Journal of Housing and the Built Environment*, v. 33, n. 4, p. 715–730, 2018.

MOURATIDIS, K. Urban planning and quality of life. *Cities*, v. 115, 2021.

ORNAT, M.; SILVA, J. M. Deslocamento cotidiano e gênero. *Revista de História Regional*, 2007.

ROVERE, T.; TIRELLI, C. Cidade e mulheres: reflexões sobre lugar de moradia e segregação urbana. *Projectare: Revista de Arquitetura e Urbanismo*, v. 1, n. 11, 2021.

SARMENTO, D. P. G. A participação da mulher na construção da cidade contemporânea. *Dearq*, n. 23, p. 64–71, 2018.

TRINDADE, T. A.; PAVAN, I. L. Segregação urbana e a dimensão socioespacial da divisão sexual do trabalho. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 37, n. 110, 2022.

UN-HABITAT. *Housing at the centre of the new urban agenda*. Nairobi, 2015.

WHYTE, W. *The social life of small urban spaces*. Michigan: Edward Brothers, 2004.

WORLD ECONOMIC FORUM. *Global gender gap report 2022*. Geneva, 2022. Disponível em: http://weforum.org/reports/global-gender-gap-report-2022.

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.



fapeti

FUNDAÇÃO DE APOIO À PESQUISA,
TECNOLOGIA E INOVAÇÃO





UNITAU

Universidade de Taubaté